

## Sem Respeito

“Respeito” significa, literalmente, “olhar para trás”. É um *olhar de novo*. No contacto respeitoso com os outros evitamos o olhar curioso. O respeito pressupõe um olhar distanciado, um *pathos* da *distância*. Trata-se de uma atitude que hoje é substituída por um olhar sem distância, o olhar típico do *espetáculo*. O verbo latino *spectare*, que está na origem da palavra *espetáculo*, significa uma extensão voyeurista do olhar, uma atitude desprovida de consideração distanciada, de respeito (*respectare*). É a distância que distingue o *respectare* do *spectare*. Uma sociedade sem respeito, sem o *pathos* da distância, desemboca numa sociedade do escândalo.

O respeito é uma condição fundamental da esfera pública. Onde o respeito desaparece, o que é público decai. A decadência da esfera pública e a crescente falta de respeito são simultaneamente causa e efeito uma da outra. A dimensão pública pressupõe, entre outras coisas, que, movido pelo respeito, o olhar se afaste da esfera privada. Trata-se de um distanciamento constitutivo do espaço público. Hoje, pelo contrário, prevalece a falta absoluta de distância, juntamente com a exibição do privado, fazendo que este último se torne público. Sem distância, também o decoro é impossível. E o juízo pressupõe igualmente um olhar distanciado. A comuni-

cação digital desfaz as distâncias em geral. A destruição das distâncias espaciais avança a par da erosão das distâncias mentais. A *mediatização* digital lesa o respeito. E é precisamente a técnica do isolamento e da separação, como no caso do *adyton*<sup>2</sup>, que gera veneração e admiração.

A falta de distância leva a que o público e o privado se misturem. A comunicação digital promove esta exposição pornográfica da intimidade e da esfera privada. As redes sociais surgem igualmente como espaços de exposição do privado. O meio digital, enquanto tal, *privatiza* a comunicação, na medida em que desloca a produção de informação do público para o privado. Roland Barthes define “a vida privada” como “essa zona de espaço, de tempo, em que não sou uma imagem, um objeto”<sup>3</sup>. Nos termos desta definição, deveríamos dizer que não temos hoje qualquer esfera privada, porque não há esfera alguma na qual *eu não seja uma imagem*, na qual não haja uma câmara. O *Google Glass* transforma o olho humano numa câmara. *O próprio olho produz imagens*. Portanto, deixa de ser possível qualquer esfera privada. A coação icónico-pornográfica dominante elimina-a por completo.

O respeito está ligado ao *nome*. O anonimato e o respeito excluem-se mutuamente. A comunicação anónima, que a digitalização promove, opera uma destruição maciça do respeito. E é, em parte, responsável pela crescente cultura da indiscrição e da falta de respeito. As *shitstorms*<sup>4</sup> são também anónimas e é o anonimato que as torna tão violentas. O nome e o respeito estão ligados. O nome é a base do reconhecimento, que se produz sempre em termos *nominais*. As práticas como a responsabilidade, a confiança ou

2 Espaço completamente fechado ao exterior do templo grego.

3 R. Barthes, *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70, 2015.

4 Ou seja, literalmente, “tempestades de merda”, designando as “tempestades” de indignação e de injúrias que ocorrem nos *media*. (N. T.)

a promessa são também de natureza nominal. A confiança pode ser definida como *fé no nome*. A responsabilidade e a promessa são também ações nominais. O digital, que cinde a mensagem e o mensageiro, a informação e o emissor, destrói o nome.

As tempestades mediáticas de indignação e de injúrias têm causas múltiplas. É uma cultura da falta de respeito e da indiscrição que as torna possíveis. E são, antes do mais, um fenómeno característico da comunicação digital. É por isso que se distingue fundamentalmente das cartas ao diretor, associadas à prática analógica da escrita e *explicitamente enviadas em nome próprio* para os jornais. As cartas anónimas enviadas por outros leitores são rapidamente expedidas para os cestos de papéis das redações. Além disso, as cartas dos leitores caracterizam-se também por uma temporalidade diferente. Enquanto o seu autor, aplicando-se laboriosamente, a escreve à mão ou à máquina, a excitação imediata já se dissipou. Pelo seu lado, a comunicação digital torna possível que o afeto seja objeto de transmissão imediata. A sua temporalidade torna-a transmissão de afetos, mais do que a comunicação analógica. Assim, de certo modo, o meio digital é um *meio afetivo*.

A interconexão digital favorece a comunicação simétrica. Hoje, os participantes na comunicação não consomem as informações de modo simplesmente passivo, mas geram-nas ativamente também eles próprios. Não há qualquer hierarquia inequívoca que separe o emissor do recetor. Cada um é emissor e recetor, consumidor e produtor, ao mesmo tempo. Mas esta simetria prejudica o poder. A comunicação do poder ocorre numa só direção — a saber, de cima para baixo. O refluxo da comunicação destrói a ordem do poder. A tempestade de indignação e de injúrias mediática (*shitstorm*) é uma espécie de *refluxo*, com todos os efeitos destrutivos correspondentes.

A *shitstorm* está associada a transformações da economia do poder na comunicação política. Cresce num espaço que o poder e a autoridade fracamente controlam. É precisamente a erosão das hierarquias que torna possível a desenvoltura da *shitstorm*. O poder, enquanto meio de comunicação, procura garantir a rapidez e a direção única do fluxo da comunicação. A seleção da ação que os detentores do poder fazem é, de certo modo, seguida *sem ruído* pelos subordinados. O ruído ou o barulho é um indício *acústico* de uma incipiente decomposição do poder. A *shitstorm* é, pelo seu lado, um ruído que interfere na comunicação. O carisma, enquanto expressão aurática do poder, seria o melhor instrumento defensivo perante a *shitstorm*, impedindo desde o início o seu recrudescimento.

A presença do poder reduz a improbabilidade da aceitação por outrem da minha seleção da ação, da minha decisão voluntária. O poder enquanto meio de comunicação consiste em aumentar a probabilidade do sim frente à possibilidade do não. O sim é, por natureza, mais desprovido de ruído do que o não. O não é sempre *ruidoso*. A comunicação do poder reduz em grande medida o barulho e o ruído, ou seja, a entropia comunicacional. Assim, *a fala do poder* impede desde o início o aumento do ruído. Cria um *silêncio*, que é, por seu turno, um *espaço de manobra para a sua ação*.

O respeito enquanto meio de comunicação exerce um efeito semelhante ao do poder. O ponto de vista da pessoa respeitável, ou a sua seleção da ação, é muitas vezes aceite e assumido sem contradição nem réplica. A pessoa respeitável tende até a acabar por ser imitada como modelo. A imitação corresponde à obediência solícita perante o poder. É precisamente quando o respeito desaparece que surge a *shitstorm* ruidosa. Quando, pelo contrário, é respeitada, a pessoa não se torna alvo de uma *shitstorm*. Ora, o respeito forma-se através de uma atribuição de valores pessoais e

morais. O declínio generalizado dos valores mina a cultura do respeito. Os modelos atuais são desprovidos de valores interiores. Distinguem-se essencialmente pelas qualidades exteriores que lhes são atribuídas.

O poder é uma relação assimétrica. Funda uma relação hierárquica. A comunicação do poder não é dialógica. O respeito, por contraste com o poder, não é por definição uma relação assimétrica. É verdade que, muitas vezes, se confere respeito a modelos ou a superiores, mas, em princípio, é possível um respeito recíproco, baseado numa relação simétrica de reconhecimento. Assim, até mesmo uma pessoa investida de poder poderá ter respeito pelos seus subordinados. A *shitstorm*, que hoje se estende por toda a parte, indica que vivemos numa sociedade sem respeito recíproco. O respeito impõe distância. Tanto o poder como o respeito são meios de comunicação que produzem distância, que exercem um efeito de distanciamento.

O fenómeno da *shitstorm* torna também necessário definir em novos termos a soberania. Segundo Carl Schmitt, é soberano quem decide do estado de exceção. Esta formulação do princípio da soberania pode traduzir-se em termos acústicos. É soberano quem tem a capacidade de criar um *silêncio absoluto*, de eliminar todo o ruído, de fazer calar todos os outros instantaneamente. Schmitt não pôde conhecer a experiência das redes digitais. Semelhante experiência tê-lo-ia precipitado sem dúvida numa crise total. É sabido que Schmitt, toda a sua vida, temeu as ondas eletromagnéticas. As *shitstorms* são igualmente uma espécie de onda, que escapa a todo o controlo. Conta-se que, movido pelo temor que as ondas lhe causavam, o velho Schmitt excluiu de sua casa a televisão e a rádio. E, mais ainda, ao confrontar-se com as ondas eletromagnéticas, viu-se impelido a reformular em novos termos a sua célebre definição da soberania: